

## O corpo como arena: uma etnografia sobre velhice institucionalizada em um asilo da Baixada Fluminense – RJ

João Pedro de Oliveira Medeiros - 32ª Reunião Brasileira de Antropologia  
GT 18: As encruzilhadas entre fazer sofrer ou devolver a dor nas teias governamentais do sofrimento



Os dias naquele asilo da Baixa Fluminense (RJ) começavam mais ou menos assim: frios, sonolentos e desanimados; algumas bocas bocejavam aqui, outras acolá; alguma idosa cruzava o pátio com seu andar trôpego; algum idoso pegava sol ao som de seu radinho de pilha ou cochilava em frente a tevê. Logo depois, já era hora dos acamados, cadeirantes e, de uma forma geral, todos aqueles que não eram considerados “lúcidos” serem expostos à revigorante luz solar, tal como determinava um dos administradores institucionais. Ali, todos eram entrincheirados num grande semicírculo, uma verdadeira economia geográfica do cuidado dava cabo de, quando necessário, medicar, encaminhar, alimentar, medir e examinar; caso contrário, deixados ao seu próprio silêncio letárgico.

Enredados pelos signos da dependência e da disautonomia, os corpos dos velhos institucionalizados eram visibilizados e interpostos por uma série de mecanismos institucionais, alguns tacitamente presentes tal como na “amostragem” acima. Decompostos em graus de dependência das chamadas AVD’s (Atividades da Vida Cotidiana), fracionados em graus de lucidez e até incorporados às categorias de “risco e vulnerabilidade social”, os internos, quando forjados e enquadrados por tais prismas, tornavam-se uma legítima “população” no sentido foucaultiano<sup>1</sup>. Autorizados pelo definhamento de suas velhices e capturados pelo advento da institucionalização, as pessoas ali abrigadas eram antes “internas” do que indivíduos propriamente constituídos.

É, portanto, neste ambiente mórbido e, por vezes, melancólico que uma “linguagem emocional” (REZENDE, 2012)<sup>2</sup> intersubjetivamente comum se desenvolveu e deu cabo de, no domínio do corpo, instrumentalizar os internos e instruí-los a se rebelarem: uma camisa marcava quem era, de fato, Túlio; os artesanatos, Xavier; as peças de dominó, Carlos; os cigarros, Bento; as pulseiras e anéis, Rita; as roupas extravagantemente coloridas, Fátima. Foi nesse ponto que “coisas” (INGOLD, 2012)<sup>3</sup> e pessoas se encontraram, entrelaçaram-se e, na superfície da carne mesmo, se confundiram.



<sup>1</sup> FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2018.

<sup>2</sup> REZENDE, C. “Emoções, corpo e moral em grupos de gestante”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n 33, pp. 830-849, Dezembro de 2012.

<sup>3</sup> INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.